

ATA DA MESA-REDONDA DE HOMENAGEM AO PROFESSOR DOUTOR GERALDO COELHO DIAS

Aos dezanove dias do mês de maio de dois mil e dezassete, pelas 16h40, no Anfiteatro Nobre da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e no decorrer da 6.ª Jornada de História da Arquitetura – *Mosteiros e Conventos. Formas de (e para) habitar*, desenvolveu-se uma Mesa-Redonda de Homenagem ao Professor Doutor Geraldo Coelho Dias (religioso da Ordem de São Bento, com uma vasta obra publicada sobre beneditinos em Portugal). Nesta mesa-redonda participaram conceituados docentes universitários e investigadores de História da Arte e de Arquitetura, de Portugal e de Espanha. A mesa-redonda foi organizada e idealizada pelo Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha, com o intuito de debater o tema *Os Mosteiros e Conventos: perspetivas de investigação*, contribuindo como ponto de reflexão para novas abordagens científicas.

O debate foi moderado pelo Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha, Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e contou com a participação do Professor Doutor Pedro Dias, Professor Catedrático aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, da Professora Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas, Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, do Professor Doutor Juan Manuel Monterroso Montero, Professor Titular da Faculdade de Geografia e História da Universidade de Santiago de Compostela, da Professora Doutora Maria de Lurdes dos Anjos Craveiro, Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e do Professor Doutor José César Vasconcelos Quintão, Professor Emérito Jubilado da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

A sessão foi secretariada pelo Dr. Hugo Daniel Silva Barreira, Assistente Convocado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e a Dra. Sofia Nunes Vechina, investigadora do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Espaço e Memória.

Dando início à sessão, o moderador de mesa, Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha, saudou a assembleia, apresentou as regras de bom funcionamento da mesa-redonda e fez o ponto da situação da 6.ª Jornada de História da Arquitetura,

uma vez que dois dias de trabalho haviam lançado suficientes motivos de discussão científica, nomeadamente:

1. Geografias diferenciadas. Passando por Goa, Macau, Rio de Janeiro, Baía, Olinda, Ourense, Porto, Bustelo, etc.
2. Temas diversificados que se debruçaram sob o espaço e o território intrinsecamente ligado a mosteiros e conventos, femininos e masculinos, de diversas ordens monásticas.
3. Diferentes escalas de património: da arquitetura monumental a unidades monásticas orgânicas.
4. Múltiplas perspetivas de abordagem científica, quer ao património material quer ao imaterial, nomeadamente, no que respeita à simbólica fúnebre e às relíquias, colocadas nas *chirolas* das unidades monásticas da Galiza.
5. Unidades monásticas e a sua relação com o crescimento urbano.

Antes de lançar as questões iniciais, o Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha, ainda partilhou a sua experiência neste campo de investigação científica, dizendo que quando começou a estudar aprofundadamente o Mosteiro de Santa Maria de Arouca confrontou-se com uma realidade quotidiana da comunidade de religiosas cistercienses muito diferente do entendimento que tinha das casas conventuais. Partindo para a investigação com a ideia de que os mosteiros eram constituídos por comunidades muito fechadas, deparou-se com factos que lhe demonstravam que embora separadas do mundo exterior as religiosas estavam em contacto com ele e muitíssimo bem informadas e até articuladas com o poder central.

Relativamente à sua organização, dentro da comunidade havia uma hierarquia muito bem definida, com todas as normativas da sociedade laical presentes, compreendendo igualmente intromissões familiares na unidade monástica. A arquitetura e os objetos devocionais surgiam neste ambiente, em que as unidades monásticas se afirmavam como um potentado, regra geral, económico, permitindo a montagem de grandes oficinas e a aquisição de objetos de grande qualidade artística.

Finalizando a sua intervenção inicial, o moderador, Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha, lançou as seguintes questões:

1. O que fazer com este legado?
2. Como continuar a pesquisa e que metodologias desenvolver?
3. Durante a 6.^a Jornada de História da Arquitetura foram apresentadas inúmeras novidades, que anunciam a necessidade de reinventar e reequacionar de forma positiva a investigação relativa a este património. Como fazê-lo?

De seguida, o moderador passou a palavra ao Professor Doutor Pedro Dias, que começou por esclarecer que depois de muita pesquisa em dicionários, enciclopédias, trabalhos científicos, etc., chegou à conclusão que a designação de *mosteiro* e *convento*, denominações que usamos indiscriminadamente para o mesmo edifício, são na verdade distintas.

De todas as suas leituras e de algumas discussões que teve com outros investigadores, tudo aponta para o mesmo caminho: os conventos encontravam-se dentro das muralhas do núcleo urbano e os mosteiros fora de muros. Em Coimbra, exemplifica-o o Mosteiro de Santa Cruz, colado ao muro da cidade.

Mais afirma que, nos casos onde não há muros é o próprio espaço urbano que serve de elemento definidor, tratando-se de um mosteiro sempre que a unidade monástica está fora do núcleo urbano e de um convento quando se encontra inserido na malha urbana. A título de exemplo, houve comunicações, na 6.^a Jornada de História da Arquitetura, nas quais se verificou a difusão de verdadeiros ermitérios na Galiza, de Ordens que eram urbanas mas que não fizeram conventos, fizeram mosteiros.

Acrescenta ainda que até em textos antigos esta terminologia não é clara, e que se trata de um assunto bastante complexo, tendo em consideração a alteração dos núcleos urbanos. Por exemplo:

1. O burgo de Celas, em Coimbra, formou-se à volta do Mosteiro de Celas, que inicialmente estava isolado.
2. O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha é criado num local ermo, mas passado pouco tempo, ainda no século XIII, há sua volta começam a surgir inúmeras construções, nomeadamente as oficinas de escultura do Mestre Pêro, e rapidamente o mosteiro se encontra inserido num complexo urbano.

Relativamente à divulgação e investigação nesta temática, disse o Professor Doutor Pedro Dias que Portugal está bastante atrasado, por exemplo, em comparação com Espanha, que tem cursos de História da Arte a funcionar há muito mais tempo, em mais universidades. Só dentro de 2 anos se comemora o 40.^o aniversário dos *Encontros de São Marcos*, que lançaram os cursos de História da Arte e Arqueologia, em Portugal.

Refere o Professor Doutor Pedro Dias que quando há 30 anos foi publicado o seu livro sobre o Gótico em Portugal ninguém queria fazer obras de síntese, enquanto em Espanha já eram uma sólida realidade. As obras de síntese são fundamentais para se compreender o que está feito e como avançar. Não se podem fazer sínteses sem a existência de estudos maturados, precisos e desenvolvidos.

Acrescentou ainda que, no modelo anterior de formação académica, em Portugal, fazer um doutoramento em menos de 10 anos era impensável. Neste momento com a quantidade de doutoramentos e mestrados em curso, e com a diminuição do

grau de exigência, há hipótese de se fazerem trabalhos monográficos, que há 40 anos não era possível levar a cabo. Estas monografias fazem muita falta à História da Arte portuguesa, porque é a partir delas que se tem uma visão de conjunto.

Nas palavras do Professor Doutor Pedro Dias, «o caminho da investigação em Portugal é o avanço das monografias, com o sistema de doutoramentos e mestrados, que serve para adensar essa teia de estudos necessários», não esquecendo que o estudo incide sob o próprio objeto e que a história é essencial para a História da Arte. Não se pode estudar o objeto, mosteiro/convento, sem perceber a dinâmica interna e externa da instituição em estudo:

1. A sua relação com a sociedade.
2. A sua dimensão institucional.
3. Porque muda de sítio?
4. Porque perde estruturas?
5. Qual o motivo da escolha de implementação de certas Ordens religiosas em certos locais, em detrimento de outros?
6. Qual o nível de captura da Igreja Católica pela sociedade civil, nomeadamente, quando a família real e a nobreza usam a Igreja em benefício próprio?
7. Analisar o mosteiro como força geradora da urbanização do território, porque há uma colonização através de mosteiros e não de conventos, que vão dar origem a sítios urbanizados.

Só depois da concretização de estudos monográficos, num conjunto significativo de instituições, estudando o objeto material devidamente contextualizado e interligado com a história interna e externa da instituição é possível olhar para a paisagem e avançar.

Terminada esta intervenção, o moderador da mesa deu a palavra ao Professor Doutor Juan Manuel Monterroso Montero, que compartilhando tudo o que acabou de ser exposto, considera pertinente que antes de avançar se defina um documento-base, dada a complexidade desta realidade. Nesse documento deveriam ter-se em conta quatro pontos fundamentais:

1. O feito histórico.
2. O feito cultural.
3. O feito territorial.
4. O feito patrimonial.

Mais referiu que, o mundo monacal e conventual é uma realidade histórica e humana, material e imaterial complexa, desenvolvida num espaço e num tempo concretos. O mosteiro, enquanto edifício, converteu-se em objeto-memória, muitas vezes com efeito cultural, servindo de testemunho da evolução da forma e da instituição.

Efetivamente trata-se de um complexo que pode ser estudado usando metodologias históricas e artísticas, porém, nesse estudo é fundamental que se compreenda a evolução das formas sem permitir a perda do substrato imaterial, contribuindo para tal a metodologia da História da Cultura. Não se pode entender o edifício como uma realidade encerrada em si mesma, mas como uma estrutura dominante que tem implicações territoriais, diretas ou indiretas, na sua área de implantação. Serve de exemplo a ligação de Tibães e Salvador da Baía, demonstradas pelo Professor Doutor José Manuel Tedim.

Acrescenta que, o mosteiro ou convento é uma realidade problemática e complexa, que se encontra em conflito com a atualidade. Boa parte dos edifícios perderam a sua função original e muitos continuam ao abandono. Tal situação não pode revelar-se um problema para a História da Arte, a não ser do ponto de vista da conservação e da gestão desse mesmo património, levantando diversas questões de complexa resposta:

1. O que fazer com os edifícios?
2. Quando estão em ruína o que fazer? Conservar-se?
3. Que uso lhes vamos conferir?
4. Como adequar à realidade atual?
5. Como geri-los? São muitos e bastantes encontram-se abandonados e arruinados.

Finalizando a sua exposição, referiu ainda que aproveitar estas estruturas para turismo/hotelaria pode ser um perigo, chegando mesmo a perder a sua dimensão monumental, histórica, cultural e patrimonial. No entanto, se não o permitirmos podemos perder tudo. É importante fazer com que a realidade desse património reverta para a atualidade sem perda de identidade e memória.

Tomando da palavra, que lhe foi concedida pelo moderador de mesa, a Professora Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas afirma que está lançada a estrutura-base do documento a elaborar e destaca o último dos quatro pontos apontados pelo Professor Doutor Juan Manuel Monterroso Montero, a questão do abandono e da ruína do património que caiu em desuso.

Em Portugal e Espanha, os complexos monásticos representam uma grande percentagem significativa do património arquitetónico, com qualidade, sendo para o Estado difícil de gerir, atribuir uma nova função e recuperar todo o património. «Temos que fazer escolhas. É impossível manter todo o património». Por exemplo, o claustro da Época Moderna do Mosteiro de Alcobaça era ocupado por um hospital/hospício, trata-se de uma área incomensurável de construção. Foi feito concurso público de ideias para a sua reabilitação. Há um projeto do Arquiteto Souto Moura, «assunto malquerido em muitas franjas da sociedade», porém, vive-se um dilema

muito sério, se não se fizer nada o claustro vai degradar-se ainda mais. «Se não agrada a adaptação a hotel, tem de se arranjar uma solução», encontrar uma alternativa.

Neste caso a dimensão do edifício não ajuda a encontrar uma boa solução, e, apesar de ser o maior impulsionador de turismo no concelho, com muitos visitantes provenientes do triângulo Fátima, Batalha e Alcobaça, transformou-se no maior problema da Câmara Municipal de Alcobaça.

Relativamente às questões lançadas pelo Professor Doutor Pedro Dias, a Professora Doutora Lúcia Rosas concordando com a obrigação das universidades na reflexão sobre essas questões, alertou para o pouco tempo que atualmente os doutoramentos e mestrados dispõem para a sua realização, afirmando que fazer monografias em tão pouco tempo é difícil, embora não seja impossível.

Concordando com o que foi dito pelo Professor Doutor Pedro Dias, afirma ainda: «Precisamos de estudos diacrónicos do contexto monástico». Não interessa tanto estudar o mosteiro na Idade Média ou na Época Moderna, mas interessam estudos de conjunto que analisem, entre outros, o território, a arquitetura e os restauros.

Terminada a intervenção, o moderador fez o ponto da situação das intervenções realizadas até ao momento, dizendo que estavam encontradas duas linhas de reflexão:

1. Estudo e investigação. Como fazer?
2. Como gerir este património?

E algumas questões de fundo:

1. Necessidade de estudos monográficos.
2. Diacronia fundamental para avançar no campo do conhecimento.
3. Para além da diacronia, é necessário compreender quem habitou aquele espaço e como o fez. Para quem foi construído e para quê?

Terminado o ponto da situação, passou a palavra à Professora Doutora Maria de Lurdes dos Anjos Craveiro, que concordou com o que tinha sido debatido, com as linhas fundamentais que tinham sido traçadas e ressaltou que este tema, mosteiros e conventos, é uma questão na qual há mais de um século investe a Historiografia da Arte, por se tratar de um património que faz parte da nossa identidade, que não pode ser ignorado, que está longe de ser esgotado, sobre o qual vão sempre surgindo novidades e no qual é necessário continuar a investir.

De tal modo é um tema significativo que no próximo mês de outubro, dias 12 e 13, no Convento de Cristo em Tomar, se realizará outro colóquio, intitulado *Equipamentos Monásticos e Prática Espiritual*, organizado pela Universidade de Coimbra.

Mais acrescentou que a salvaguarda e a integridade possível deste património são uma obrigação nossa que deve ser entendida como uma missão. «A escolha das

humanidades é porque temos no nosso ADN alguma coisa que nos prende a estas matérias».

O núcleo universitário de Coimbra, consagrado como Património Mundial da UNESCO, em 2013, passou a ser gerido com preocupações estritamente económicas. «Não se vê acesso aos núcleos de compreensão que aquela estrutura precisa». Embora não se trate de uma estrutura monástica, a problemática é similar.

Relativamente ao turismo, também o considera um perigo, porém um perigo que deve ser trabalhado por forma «a criar um outro perfil de turismo. Porque não pode ser esta coisa massificada onde o turista vai porque tem de ir».

Neste ponto o moderador interrompeu para dizer que não podemos impedir que venha um grupo enorme de turistas ao Porto. Durante décadas o património arquitetónico português era apenas explorado por investigadores e diletantes. Os visitantes vêm à procura da portugalidade. Compete-nos a nós gerir a abençoada procura para valorização e salvaguarda do património para os nossos filhos e netos.

Continuando, a Professora Doutora Maria de Lurdes dos Anjos Craveiro afirmou que não tinha nada contra o turismo, que também era turista, mas que quando está nessa qualidade quer aprender. «É a construção que está implícita ao turismo que temos de implementar». É preciso reforçar a necessidade de conhecimento e salvaguardar o património, construindo uma nova forma de turismo, a ser implementada através de escolas e universidades.

Sobre este assunto já tinha infletido a Professora Doutora Lúcia Rosas. Mas como o devemos fazer? Porque devemos estudar mosteiros e conventos? É necessário repensar as estruturas curriculares universitárias na área de História da Arte. Em vez de lecionar História da Arte na Idade Média, na Época Moderna ou na Época Contemporânea, é necessário encontrar uma outra estrutura curricular, «talvez fazer outra abordagem de modo a chamar a atenção para outras temáticas». Tem de ser uma gestão prática que promova uma consciência mais forte sobre a importância da História da Arte e a identifique como vital para a nossa própria qualidade de vida. «É preciso investirmos, como diz o Professor Pedro Dias. Temos trabalhado bem, mas é importante apostar mais na história». O universo monástico é muito grande e muito lato, «existem células que se diferenciam e outras que convergem entre elas». É necessária a implementação de práticas e recursos específicos.

Concluindo a sua exposição, disse ainda que nas unidades monásticas existiam práticas litúrgicas mais ou menos específicas que necessitavam de espaços próprios. As cercas, vistas muitas vezes como os parentes pobres comparativamente à suntuosidade da igreja ou do claustro, também precisam de ser estudadas.

De seguida, o moderador da mesa passou a palavra ao Professor Doutor José César Vasconcelos Quintão, que começou por alertar para o facto de não ser historiador, mas arquiteto, há 36 anos. Reconhece que a colaboração dos historiadores da

arte é fundamental para a preservação da memória, mas que na qualidade de arquiteto preocupa-se fundamentalmente com a qualidade da arquitetura, relacionada com a tríada vitruviana: *venustas, firmitas e utilitas*.

A *utilitas* é a chave da boa construção arquitetónica, que deve servir para «deleite intelectual e físico». Por exemplo, no decorrer da comunicação do Arquiteto Ilídio Jorge Silva, reparou nas fenestraçãoes da planta do dormitório de Santa Cruz de Coimbra e achou curioso que as portas das celas não coincidissem, talvez para que os religiosos não se cruzassem mesmo tendo a porta da cela aberta.

Tendo sido projetada a imagem da planta em questão, o Professor Doutor José César Vasconcelos Quintão mostrou que as janelas do dormitório de Santa Cruz de Coimbra estariam localizadas de forma diferente na fachada sul e na fachada norte. A fachada sul do dormitório tinha as janelas das celas ao centro, enquanto a fachada norte as tinha de lado. Sendo muito interessado pelo estudo do sol, considera que esta disposição terá a ver com o facto de a sul o sol iluminar toda a cela e a norte, durante três meses, ter uma intensidade lumínica considerável. Portanto, a justificação destas fenestraçãoes será a própria arquitetura e a sua função, sendo igualmente importante a ventilação que estas janelas conferiam ao edifício.

Interrompendo, o Professor Doutor José Manuel Tedim, membro da assembleia, pediu para se manifestar e lançou uma questão ao Professor Doutor José César Vasconcelos Quintão: «Não terá a ver com as vivências monásticas da própria comunidade?».

De seguida, o Arquiteto Ilídio Jorge Silva, pedindo a palavra, disse que não há certeza dos alinhamentos das fenestraçãoes, que a planta do dormitório de Santa Cruz de Coimbra era hipotética, portanto os pormenores de desenho arquitetónico são discutíveis. Embora reconheça que a História da Arte por vezes foca muito em questões teóricas, que na realidade são questões de arquitetura.

Tomando a palavra a Professora Doutora Lúcia Rosas concordou com o Arquiteto Ilídio Jorge Silva, dizendo que a História da Arte precisa de refletir sobre o lado pragmático e funcional da arquitetura.

Concluídas todas as intervenções, o moderador da mesa, Professor Doutor Manuel Rocha, procedeu ao encerramento dos trabalhos, dizendo que o olhar da Arquitetura também interessa à História da Arte. O cruzamento do olhar da História, da Cultura, do objeto (no ontem e no hoje) e também do simbólico é fundamental, como defende Roger Chartier em *A História Cultural entre Práticas e Representações*.

Pelas 17h40 concluiu dizendo que desta mesa-redonda resultará um documento que resuma o que aqui foi discutido e que ficará como referência das interrogações fundamentadas de hoje para os novos investigadores que se interessem sobre esta realidade debatida e em debate.

